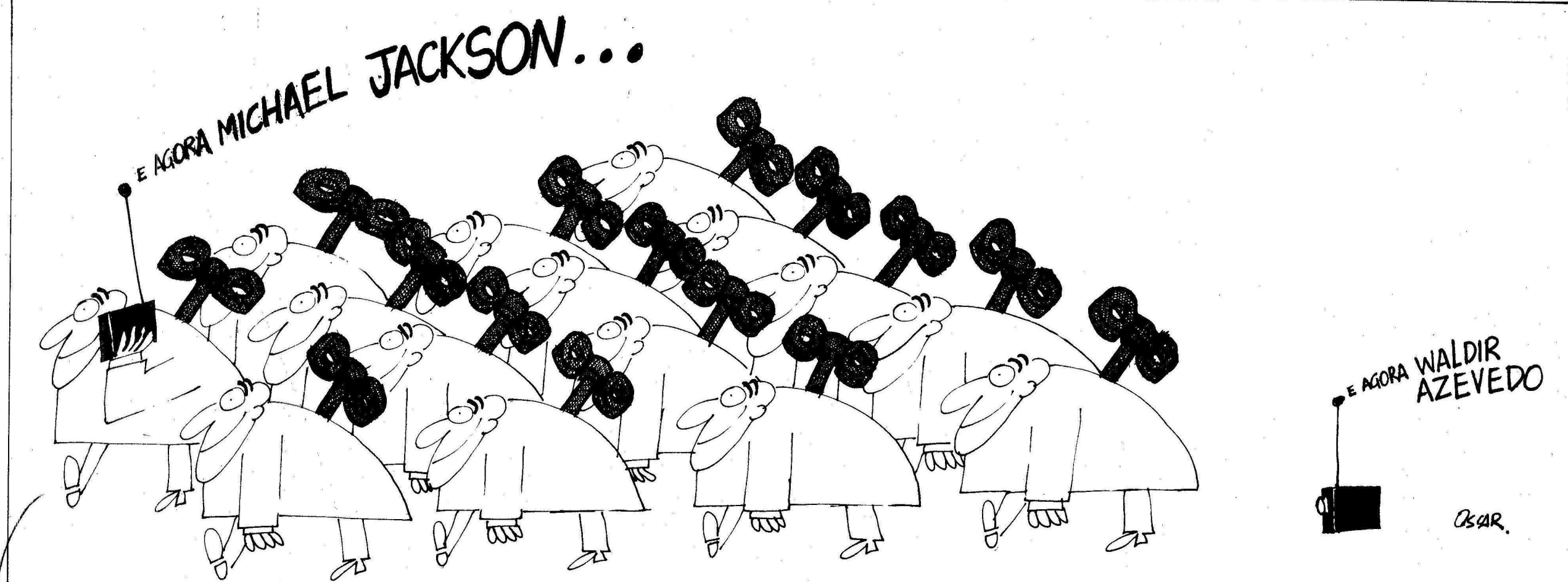




Assis e Pernambuco do Pandeiro



Klécio Caldas e Six

Choro

Uma antiga tradição em compasso de espera

Brasília herdou do Rio de Janeiro, além da função de capital federal, um gênero melódico: o choro. Com a transferência da capital para cá se dirigiram bambas da "geração Pixinguinha", como Bide da Flauta, Pernambuco do Pandeiro e João Thomé da clarineta. Waldir Azevedo, criador do Brasileiro, veio algum tempo depois. E foi enterrado aqui, tendo Baby Consuelo como lamentosa acompanhante. Outro músico famoso morreu na cidade: o citarista Avena de Castro.

Aqui convivem três gerações de chorões: do septuagenário Bide, passando por Reço do Bandolim, a jovens como Hamilton, de sete anos, que forma Dois de Ouro com o irmão Fernando César, de 13.

Este supertime de chorões, porém, está triste. O Clube do Choro, que tem sua sede no Centro de Convenções, num exótico bar construído por Sérgio Bernardes, conhece dias negros. O público é cada dia mais diminuto. Os recursos para manutenção da casa são parcos. Os quatro dias de funcionamento foram reduzidos a dois. Mesmo assim, nas sextas e sábados é possível ouvir o Regional do Bar dos Chorões, formado com Pernambuco do Pandeiro, Alencar Sete Cordas, Assis da Paraíba e José de Assis. A este regional se somam instrumentistas-freqüentadores ilustres: Dr. Veloso, Américo, Aquino, Dolores, Valério Xavier, Chico do Cavaquinho, Reço do Bandolim, Beto, Pinheirinho e Nivaldo do Acordeon (este, retornou à Paraíba, mas quando pisa o solo do Planalto Central, corre para a escondida sede do Clube do Choro).

Quem freqüentar o Bar dos Chorões poderá, além de ouvir do som destes bambas, saborear bebidas, tira-gostos e a famosa canja da madrugada.

O Choro chora suas mágoas. Anda sem público, sem espaço nos meios de comunicação de massa, sem motivação para arrancar sons de bandolins, cavaquinhos, saxofones e pandeiros.

Em Brasília, cidade que herdou do Rio de Janeiro o posto de capital brasileira do choro, tudo vai mal. O Bar dos Chorões, espécie de Sovaco de Cobra candango, que promovia sessões às quartas, sextas, sábados e domingos, teve que reduzir suas noites. Agora, só às sextas e sábados. E mesmo assim, com pouco público.

Mestre Nelson Sargento, o "filósofo do samba", diz uma canção: Samba agoniza, mas não morre/ Alguém sempre te socorre/ No minuto derradeiro. Alguém socorrerá o choro? Ou resta aos chorões se confortar, conscientes de que o mundo moderno é inclemente com manifestações intimistas, brejeiras, com cheiro de atividade de fundo de quintal?

Para responder a estas e outras indagações, ouvimos Francisco de Assis, o Six, presidente do Clube do Choro e Klécio Caldas, compositor e produtor musical.

Six está angustiado com as dificuldades para se definir este gênero musical, genuinamente brasileiro. Klécio Caldas, por sua vez, culpa a indústria cultural, cada vez mais massificante. "Hoje, diz ele, a moçada só pensa em rock. A situação está tão trágica que a jazz-singer americana Carmen McRae ficou impressionada. Não conseguiu ouvir música brasileira em sua estada em São Paulo".

E Klécio, que produziu um show-homenagem a Waldir

Azevedo e outro a Jacó do Bandolim, ambos no Teatro Nacional, desenha, com cores fortes, o quadro atual da indústria de produção e difusão cultural: "A cultura nacional está sendo arrasada, aniquilada pela invasão estrangeira. E é uma invasão que nos empurra o que há de pior, o material alienígena de mais baixo nível. Semana passada, vendo o programa do Chacinha, acabei desligando o televisor. Cinco números seguidos mostravam cantores desmunhecando e cantando rocks macaqueados. Nos programas



destinados ao público infanto-juvenil, nossas crianças são induzidas a imitar as danças da moda, como o break, o rock e por aí fora. E o pior é que elas só conhecem este caminho. Quando crescem, só levam na bagagem estes valores impostos".

Six concorda e lamenta: "Como nossas crianças vão gostar do choro, se nunca têm contato com este gênero? Ele não está nos programas de rádio, nem na televisão. Não toca na discoteca familiar". Felta esta constatação, o presidente do Clube do Choro levanta aspecto que considera importante: "O choro é uma música extremamente melódica e complexa. Para executá-lo é preciso conhecer música. Já o rock não exige muito preparo. Um garoto aprende um dó e está pronto a dar cacetadas de palheta no instrumento. Dali resulta um iê-iê-iê, que explode e vira uma febre. A nós, chorões, resta um consolo: estas músicas massificadas que invadem os meios de comunicação são instantâneas. Ninguém vai cantá-las no futuro".

Neste ponto, Six tem razão. Quais são os autores mais cantados nas batucadas de fim de noite em bares, festas familiares e comemorações de amigos? Trem Das Onze, de Adoniram Barbosa; Amélia, de Ataulfo Alves e Mário Lago; Feitico da Vila, de Noel Rosa; Foi um Rio que Passou em Minha Vida, de Paulinho da Viola; Está Chegando a Hora, de Henricão (versão de Celito Lindo, que se tornou essencialmente brasileira), e outras mais.

E Six, inconformado, constata: "Se não sensibilizarmos a meninada, estaremos liquidados".

Klécio Caldas, que compôs dezenas de marchinhas carnavalescas e uma música de acentuada força telúrica — Boiadeiro — imortalizada por Luiz Gonzaga, comenta: "É pensar que a nossa música é tão rica. Temos o samba e suas variedades (breque, canção, enredo, sambaião), o choro, o xote, o xaxado, o carimbó, o frevo, o baião, o maracatu, e tantos mais. E o que vemos? Vemos estes gêneros desprezados por outros que nos são impostos, através do que têm de pior, ou seja, dos sucessos fáceis, descartáveis".



TERRA DO CHORO

Brasília, quando tornou-se capital federal, roubou duas tradições do Rio de Janeiro: o direito de ser o centro administrativo do País e o choro. Sim, o choro. Afinal, os chorões brotavam, no Brasil, em dois meios: o funcionalismo público e o militar (principalmente entre o de baixa patente). Trazendo para Brasília a estrutura burocrática do Estado, a cidade ganhou de presente nomes como Bide da Flauta, Pernambuco do Pandeiro, Waldir Azevedo (autor do hino que é Brasileiro), o citarista Avena de Castro, o clarinetista João Thomé, o bandolinista Cincinato e muitos militares, a maior parte deles agregada a bandas de música: Chico Doido do Saxofone; Aquino, do clarinete; Américo, do violão; Roberto Cagliare, da flauta; Luisinho, do saxofone, entre outros. Até Jacó do Bandolim pensou radicar-se em Brasília, nas muitas vezes que veio à cidade submeter-se aos cuidados do doutor Veloso, gerontólogo de renome e chorão apaixonado.

A migração de tantos e tão bons músicos e compositores deu frutos em meados dos anos 70, quando se organizou o Clube do Choro, capaz de causar inveja ao seu similar carioca. No

clube brasiliense passaram a conviver três gerações de chorões: a Velha-Guarda, com Bide, Pernambuco, Avena de Castro e Waldir Azevedo; a Média-Guarda, com Odete Ernest Dias, Valério, Six e Alencar e a Jovem-Guarda, com Reço do Bandolim, Assis Filho, Paulinho Carrusca, entre outros componentes do grupo Chorando pelos Dedos. Na entrada dos anos 80, organizou-se o VI-brações, formado com adolescentes liderados por Fernando Carrusca então com 16 anos.

Agora, quem representa a Jovem-Guarda do choro brasiliense é a dupla Dois de Ouro, formada com Hamilton, 8 anos, e Fernando César, 13 anos. Em ação, como chorões, a cidade conta com uns 80 instrumentistas, segundo previsão de Six.

Bide, já septuagenário, vive cercado de lembranças e passarinhos. Seu apartamento, na Asa Norte, lembra um quintal de suburbio carioca. Pernambuco continua cada dia mais ativo. Ainda arrasa no pandeiro, levando ao delírio quem ouve o Urubu Malandro. Waldir se foi, deixando muitas saudades. Avena de Castro também. João Thomé idem.

Daí em diante, o choro foi per-

dendo fôlego. Com a febre discotheque, o gênero quase caiu em desgraça. Mas resistiu. O clube ganhou seu bar, no Centro de Convenções, e promoveu noites memoráveis regadas com muita música, cerveja, queijo, salaminho e uma saborosa canja da madrugada. Agora, com a "febre do rock", a casa agoniza.

SALAS VAZIAS fenômeno da sala vazia, porém, não é só brasiliense. No Rio de Janeiro, a situação se mostra semelhante. Em Pernambuco, idem. Francisco de Assis recorre a estes dois Estados, onde esteve recentemente. "Em Recife, diz, fui assistir a uma apresentação da Orquestra de Cordas Violadas, com onze músicos, da maior qualidade, arranjos especialíssimos. Platéia zero. No Rio vi Déo Rian e seu conjunto, com o maestro Orlan do Silveira. Eles programaram temporada de uma semana. De terça a quinta, casa vazia. No final de semana, alguns gatos pingados".

E não acabam por aí os exemplos de Six: "O maestro Leonardo Bruno, filho de Abel Ferreira, apresentou, com Sônia Vieira e Cachimbino, um repertório composto de músicas de Misael Domingues. Não ha-

via público. Esperaram meia-hora. Apareceram uns gatos pingados. Bruno me disse que sentia dor na alma, tinha vontade de chorar".

Aflito, conta Assis, Bruno perguntava: como reagir a este processo que afasta as pessoas da música produzida por alguns de seus mais criativos compositores?

Assis é realista. Não fica na mera constatação.

— Temos que pôr mãos à obra. Se não tiver jeito, a gente invade um órgão público. Todos os chorões, com seus instrumentos, fazem uma brigada e entram dispostos a tudo.

Depois, mais calmo, admite que a música instrumental é de difícil penetração. Por isto, prega a composição de letras para clássicos do choro, de forma que o público aprenda e cante junto. Para reforçar sua tese, lembra que "Carinhoso" jamais teria feito sucesso que fez, se não contasse com os versos de Braguinha". Outro exemplo: "Gente Humilde, de Garoto, estar a até hoje na gaveta não fosse os versos de Chico Buarque e Vinícius de Moraes. Herminio Bello de Carvalho tem feito letras excelentes para choro. Vem

ja o Noites Cariocas, do Jacó, que a Gal Costa gravou".

E Six recorre a outro exemplo de renovação que deu certo: o frevo eletrizado de Dodô e Osmar, na Bahia. "Não fosse a modernização eletrônica bolada pela dupla, o frevo estaria sem espaço. A invenção de Dodô, além de dar força à eletrificação, levou o frevo para as ruas, em caminhões, acompanhado de letras alegres, inteligentes e fáceis. Veja o Festa do Interior, de Moraes Moreira. É uma beleza".

Six, porém, sabe que muitos instrumentistas preferem resistir. Querem que sua música seja aceita sem artifícios que não sejam combinações de sons. "Quando dizemos que os choros precisam de letra, o Pernambuco do Pandeiro fica bravo. Acredita que o choro atrairá o público por sua força como gênero ideal ao virtuosismo de grandes instrumentistas".

Pernambuco tem suas razões para acreditar nisso, mesmo que a cultura de massa lhe diga o contrário. Afinal, há quase 50 anos que ele faz do seu pandeiro, a fonte sonora que divulga os imortais acordes de Ernesto Nazareth, Pixinguinha, Jacó do Bandolim, Waldir Azevedo, Abel Ferreira, e outros membros desta estirpe de grandes criadores populares.

Se ter nascido dos sonhos de um "presidente bossa-nova" deu a Brasília o status de capital do choro, por que não sonhar com dias melhores? Afinal, JK vivia cercado de músicos, promovendo animadas serenatas na Catetinho. Quem sabe, Tancredo Neves, que gosta tanto do Peixe Vivo, voltará a dar aos músicos a atenção que os governos militares não lhes dispensaram?

Se Tancredo copiar os modelos de administração do pé-de-valsa Juscelino, o choro certamente conhecerá dias melhores. Afinal, do jeito que a coisa está, só apoio presidencial pode dar jeito.



Alencar

MARIA DO ROSARIO CAETANO Repórter Especial